

## Enquadramentos e construções da realidade: a análise comparativa da cobertura das manifestações de 2013 e 2015 na revista *Veja*<sup>1</sup>

Christinny Matos Garibaldi Pires<sup>2</sup>  
Paulo Roberto Figueira Leal<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

### Resumo

Neste artigo, pretende-se analisar comparativamente o enquadramento da revista *Veja* em relação às manifestações de junho de 2013 e de março e abril de 2015, com o objetivo de expor diferenças e similaridades entre a cobertura destes atos que tiveram significativa adesão popular. As reportagens usadas para análise foram publicadas nas edições dos dias 19 e 26 de junho e 03 de julho de 2013, e dos dias 18 de março e 22 de abril de 2015. Para contribuir com a discussão, são considerados aspectos sobre mídia e construção de discursos, conceitos de enquadramento e características da revista como um veículo de comunicação. A análise de conteúdo foi o método utilizado para chegar às conclusões sobre o objeto de pesquisa.

### Palavras-chave:

Jornalismo; enquadramento; revista *Veja*; manifestações de Junho de 2013; manifestações de 2015.

### Introdução

Dois momentos importantes para a história das manifestações populares no Brasil ocorreram em um curto intervalo de tempo: as manifestações desencadeadas pelo aumento da tarifa do transporte público em 2013 e os atos em protesto contra o governo Dilma em 2015. Manifestações populares que ganham adesão de parte significativa da população ocupam espaços importantes na cobertura midiática que, além de informar, interfere na interpretação dos acontecimentos.

O reconhecimento e o alcance dos veículos midiáticos também influenciam a concepção pública. A revista *Veja* foi escolhida para análise por ser a revista mais lida no Brasil. Sabe-se que a imprensa é regida por interesses econômicos e de linhas editoriais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 1 Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET Facom, da Graduação em Jornalismo da UFJF. E-mail: [christinnyg@gmail.com](mailto:christinnyg@gmail.com).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ. Professor e pesquisador do Curso de Comunicação da UFJF e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [pabeto.figueira@uol.com.br](mailto:pabeto.figueira@uol.com.br).

Portanto, essas características devem ser levadas em conta ao se examinar o conteúdo produzido pelas diferentes empresas de comunicação.

### **A mídia como espaço de legitimação de discursos**

Na sociedade contemporânea, a mídia é a grande responsável pela divulgação de informações e, através de mecanismos de produção e veiculação de notícias, influencia a formação da opinião pública. Observar a forma de atuação dos meios de comunicação, em especial da imprensa, permite entender como acontece a interferência da mídia na construção e no reconhecimento de discursos, e como o jornalismo detém o poder de dar ou não visibilidade a determinados temas e acontecimentos.

Através desta capacidade de reforçar assuntos, e considerando a forma como as empresas de comunicação estão diretamente ligadas às questões econômicas de mercado, é possível ver o jornalismo como um mecanismo de fortalecimento de discursos. “A partir da grande penetração na sociedade e do fortalecimento como instituição, o jornalismo começou a ter participação na determinação de conceitos dominantes.” (SANGLARD, 2010, p.6). Sobre a relação da mídia com outros campos sociais, também é possível constatar que:

Assim, o campo midiático faz a mediação entre assuntos próprios de campos específicos e a sociedade. Sendo assim, outros campos passam a se apropriar da lógica do fazer comunicacional para ganharem visibilidade e lugar de fala, como no caso do campo político, que busca na mídia um ambiente de disseminação de discursos e ideologias. Segundo Rodrigues, o campo dos *media*, no contexto moderno, assume uma posição central na sociedade. Para este autor, a esfera comunicacional é um lugar onde o dizer prevalece sobre o fazer e, neste aspecto, o discurso passa a ter centralidade no tecido social. (RODRIGUES, 1990 apud LEAL; MOREIRA; OLIVEIRA, 2015, p.4)

Ao perceber a mídia como espaço de legitimação dos discursos, é possível entender a importância das coberturas midiáticas em eventos populares como as manifestações de 2013 e 2015. Sendo assim, um aspecto importante a ser ressaltado é como a mídia constrói visões sobre a realidade a partir do enquadramento que é dado aos acontecimentos.

### **Enquadramentos jornalísticos**

Uma das falas mais incorporadas pelo senso comum sobre o jornalismo é em relação à função que essa atividade tem de manter a sociedade atualizada a respeito de seus

aspectos internos. No entanto, a constante difusão de notícias não se dá de forma ingênua e simples. Pelo contrário, os discursos produzidos ao se noticiar são resultados de recortes e interpretações da realidade que seguem critérios construídos de acordo com características e interesses das empresas de comunicação e dos interlocutores. Portanto, “as notícias jornalísticas são molduras (frames), fragmentos da realidade, ou seja, apenas uma das maneiras, dentre tantas possíveis, de enxergar o fato.” (SANGLARD, 2010, p. 7).

Em 1993, Robert Entman retoma as pesquisas do sociólogo Erwin Goffman sobre enquadramento para aplicá-las na análise da forma que os meios de comunicação elaboram suas mensagens. Para Entman, enquadrar é o processo em que os jornalistas selecionam e hierarquizam os fatos e destacam algumas informações no texto. (CASTILHO, GUIMARÃES, HENRIQUES, SILVEIRA, 2012).

Entman (1993) sugere que é possível identificar o enquadramento de uma reportagem com base em elementos presentes nos textos. A forma como a notícia é construída, o uso das palavras na elaboração de um pensamento, a disposição das imagens e o esforço de chamar atenção para um fato são aspectos que denunciam a construção de uma realidade. (ENTMAN, 1993 apud CASTILHO, GUIMARÃES, HENRIQUES, SILVEIRA, 2012). Para Charaudeau (2012), “o universo da informação midiática é efetivamente construído e, desta forma, a mídia impõe um recorte do mundo previamente articulado, porém por meio de um mascaramento: a visão mostrada aparece como se fosse natural.” (CHARAUDEAU, 2012 apud GUTEMBERG, LEAL, 2015, p. 104).

### **A revista na construção de discursos**

Ainda sobre a forma como os acontecimentos são apresentados, é interessante apontar as características do veículo de informação para a construção dos discursos e das interpretações. A análise proposta neste artigo compreende a revista como uma publicação periódica de cunho informativo. Segundo Larissa Azubel (2013), as revistas possuem uma função que vão além da enunciação de acontecimentos.

Revistas cobrem funções sociais que estão além e aquém do reportar. Podemos caracterizá-las por recrear, trazer análise, reflexão e experiência de leitura. Concomitantemente, são capazes de promover a miséria do pensamento, erigir mitos, sustentar estereótipos e fomentar ideologias. Assim, comportam, em relação de justaposição, tolerância e negociação, o conhecimento e a cegueira, a consciência e a incompreensão. (AZUBEL, 2013 p. 3).

A revista é um veículo de comunicação com potencial para fazer abordagens aprofundadas sobre temas relevantes se comparada a mídias mais imediatistas. Além disso, o vínculo entre revista e leitor é diferente da relação construída entre o público com outros meios de comunicação. Com um conteúdo mais específico ou com linhas editoriais mais evidentes do que outros periódicos, mesmo que não admitidas, a revista é objeto que pode identificar um círculo social. O leitor atribui significados a uma revista, é ele quem define o que é a revista. (Scalzo, 2003).

É possível traçar o perfil predominante do leitor da *Veja* através de resultados de pesquisas apresentadas em 2016 pelo kit da marca, disponível no site da *Abril*, editora e empresa responsável pela revista. De acordo com os dados reproduzidos, 62% dos leitores pertencem às classes A e B, 26% à classe C e 2,8% às classes D e E. A região Sudeste possui a maior circulação líquida, com 503.322 exemplares, enquanto a região que possui menor circulação, o Norte, distribui em média 37.563, diferença de mais de 450 mil exemplares entre as duas regiões, ou seja, os consumidores majoritários compõem a elite e a classe média alta brasileira e vivem nos estados mais ricos do país.

Apesar do texto de princípios editoriais, assinado por Roberto Civita, declarar independência e isenção, a revista apresenta uma posição política e ideológica perceptível ao leitor. Em conclusões gerais, é possível afirmar que a revista faz oposição ao PT e às ideologias de esquerda, como demonstram as análises deste artigo.

### **Manifestações de 2013**

As manifestações de junho de 2013 foram desencadeadas pelo aumento do preço da passagem de ônibus e metrô em diversas cidades brasileiras. O Movimento Passe Livre, MPL, foi o responsável por convocar os primeiros protestos e obtiveram resultados positivos com a revogação do aumento nos centros urbanos. As manifestações começaram a ganhar mais visibilidade com a divulgação e convocação dos atos na Internet e com episódios que chamaram a atenção da população, como a repressão da Polícia Militar aos manifestantes.

Com mais notabilidade, pessoas não ligadas a movimentos sociais aderiram aos protestos e levaram às ruas pautas divergentes da reivindicação da tarifa do ônibus. Diferentes perfis se apresentaram nas manifestações, inclusive aqueles que compõem a maioria dos leitores da *Veja* e que não integram o perfil usual de participantes de lutas por

causas sociais. A mídia tradicional também começou a dar mais atenção ao movimento com o aumento da adesão popular.

Estas manifestações também foram caracterizadas pela ausência de partidos políticos que representassem os anseios daqueles que estavam nas ruas. De acordo com uma pesquisa do IBOPE realizada entre os dias 09 e 12 de julho de 2013, 89% dos eleitores aprovavam as manifestações de junho. Outra pesquisa do instituto, feita entre os dias 19 e 20 de junho de 2013, constatou que 89% dos manifestantes não se sentiam representados por nenhum partido político, 96% não eram filiados a nenhum partido político e 86% não eram filiados a nenhum sindicato, entidade de classe ou entidade estudantil.

### **Atos de protesto em 2015**

Mesmo após as disputadas eleições presidenciais de 2014, o clima de divisão entre os brasileiros, baseado em preferências políticas, continuou presente no país. No início do segundo mandato, a presidente Dilma Rousseff tinha suas taxas de popularidade em declínio e o impeachment já era discutido como uma possibilidade de tirar a presidente eleita do poder. Os atos de protesto em 2015 que contribuí com a análise deste artigo são aqueles que, em geral, são caracterizados como movimentos contra o governo Dilma. Porém, outras manifestações populares aconteceram durante os meses de março e abril daquele ano, como aquelas em defesa da presidente.

Uma das características evidentes destes atos de protesto foi o uso de verde e amarelo pelos manifestantes em referência às cores da bandeira do Brasil. Outro aspecto importante foi o enfoque de pauta das manifestações. Apesar de haver grupos que tinham como motivo de insatisfação a corrupção, em qualquer governo ou partido, ou que pedissem intervenção militar, no geral, as manifestações foram caracterizadas pelo desejo de retirar Dilma Rousseff da presidência da república.

Seguem no quadro algumas datas e atos de destaque durante o período de protesto:

Manifestações em março e abril de 2015 em diversas cidades brasileiras	
<b>Dia</b>	<b>Descrição</b>
08/mar	Panelaço e buzinaço durante o pronunciamento de Dilma sobre o Dia Internacional da Mulher.
15/mar	Manifestações contra o governo de Dilma Rousseff.
16/mar	Panelaço durante a exibição de falas de Dilma Rousseff no Jornal Nacional.
12/abr	Atos contra o governo Dilma. Adesão menor do que os protestos de março.

## **Análise do enquadramento da revista *Veja* nas manifestações de 2013**

Na edição 2326, do dia 19 de junho de 2013, a revista *Veja* trouxe a primeira reportagem sobre as manifestações. A matéria intitulada “A razão da fúria” questiona por que pessoas que não utilizam o transporte público estavam nas ruas contra o aumento do preço da passagem. A justificativa da revista é a de que os jovens com boas condições financeiras protestavam porque tinham a necessidade de agirem como socialistas. A frase de Winston Churchill, político conservador e ex-primeiro-ministro do Reino Unido, citada na reportagem, ilustraria a situação: “se você não é um liberal aos 20 anos não tem coração, e se não se torna um conservador aos 40, não tem cérebro”. A razão de descontentamento com o preço da passagem é tida como legítima, no entanto, a presença da alta classe média nas ruas seria consequência da monotonia que esse grupo sentia em relação à política.

Na mesma reportagem, os organizadores do protesto são descritos como “minorias que participaram ativamente do quebra-quebra” e “militantes de partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO, PCdoB), militantes radicais de partidos de centro-esquerda (PT, PMDB), punks e desocupados de outras denominações tribais urbanas, sempre dispostos a driblar o tédio burguês aderindo a algum protesto violento”. É evidente o tom depreciativo aos manifestantes que a revista denomina. Em síntese, pessoas não ligadas a movimentos sociais e partidos políticos seriam aqueles com alguma vontade de exercer uma atividade pela política do país. Já integrantes e simpatizantes do movimento MPL e outros movimentos sociais são associados à ideia de baderna e violência. A partir destas descrições dos manifestantes, a revista apresenta um tom de desqualificação das manifestações na primeira matéria sobre o tema.

As edições de número 2327 e 2328, publicadas nos dias 26 de junho e 03 de julho, continuaram trazendo reportagens sobre os protestos nas cidades brasileiras. No entanto, apresentam uma perspectiva modificada, mais positiva em relação à legitimidade das manifestações em comparação a publicação anterior. O tom depreciativo aos manifestantes ligados a movimentos sociais e com valores ideológicos de esquerda permanece, e aqueles com viés antipartidário são considerados os verdadeiros cidadãos preocupados com o país. A título de exemplo, a reportagem “Os sete dias que mudaram o Brasil”, contida na edição 2327, caracteriza as manifestações como algo “tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora e mais apaixonante”, e afirma que a esquerda, que se enxerga como a

responsável por mudanças sociais, teve seus partidos hostilizados nas ruas e seus integrantes chamados de oportunistas.

As matérias da edição 2328 referem-se aos efeitos que os protestos provocaram entre os poderes legislativo, executivo e judiciário. Nas abordagens, há um esforço em desqualificar ações do governo Dilma sobre as manifestações. A matéria “O Dilema Rousseff”, por exemplo, descreve como “estapafúrdia na forma e, principalmente, no conteúdo” a reação de Dilma de se pronunciar propondo um plebiscito para constituinte da reforma política e cinco pactos nacionais.

A tabela abaixo expõe termos e construções de texto que contribuíram para analisar o enquadramento da revista *Veja* às manifestações de 2013.

**Tabela 1**

**Marcas discursivas que caracterizam o enquadramento da *Veja* nas manifestações de 2013**

Tema	Termos utilizados e frequência
Manifestantes com viés antipartidário	"libertários", "independentes", "não ideológicos", "cansados da corrupção e do descaso", "resistentes à presença do PT"
Manifestantes com valores ideológicos de esquerda	"anarquistas", "vândalos", "pitboys", "não lutavam por um governo melhor, mas para governo nenhum", "militantes de esquerda", "black bloc", "oportunistas", "arruaceiros", "baderna", "militantes radicais", "punk", "desocupados", "vandalismo da parte dos manifestantes", "baderneiros", "rebeldes sem causa", "insufladores", "radicais políticos"
Partidos de esquerda	"emparedados nas ruas", "chamados de oportunistas", "movimento de massa inescrutável à esquerda", "manifestavam movidos por um moralismo"
Movimento Passe Livre - MPL	"radicais", "irrelevantes no decorrer da manifestação", "Da noite para o dia, a organização virou um fenômeno pop", "grupo nanico"

**Análise referente às categorias de tema da Tabela 1:**

**Manifestantes com viés antipartidário**

A partir da análise de termos e campos semânticos utilizados nas construções textuais, é possível verificar uma classificação dicotômica, feita pela revista *Veja*, aos



participantes das manifestações populares de 2013. De um lado, estavam os manifestantes que a revista classificou como “libertários independentes não ideológicos”, que seriam aqueles que, supostamente, seguiam o princípio de isenção ideológica em suas reivindicações. De outro, manifestantes que se identificavam com valores ideológicos de esquerda.

O discurso de não alinhamento ideológico e partidário era extremamente propício para o momento devido à ampliação da pauta dos protestos. Os motivos de insatisfação, como corrupção e má administração do dinheiro público, são identificados em governos de diversos partidos políticos, ou seja, as reivindicações não estavam centradas em uma ou mais ações que podiam ser atribuídas a apenas um partido. Entretanto, é perceptível que o discurso de independência política se referia a não identificação com o PT e com legendas e movimentos de esquerda. Não há citações explícitas de insatisfação e rejeição a outros partidos de grande influência no Brasil e que estão no governo de diversos estados e municípios, como o PSDB e o PMDB.

### **Manifestantes com valores ideológicos de esquerda**

De outro lado, estavam os manifestantes que a revista classificou como aqueles que possuíam valores ideológicos. Entretanto, os alvos de críticas são apenas os valores ideológicos de esquerda. Não há julgamentos a respeito de pensamentos de direita que estiveram presentes nas ruas após a grande ampliação das pautas de reivindicações nos protestos.

É possível estabelecer três características gerais utilizadas para designar os manifestantes ligados a pensamentos de esquerda: insignificância, vandalismo e violência. A presença, as reivindicações e os resultados da ação deste grupo são ignorados pela *Veja* ao descrever positivamente as manifestações na reportagem “Os sete dias que mudaram Brasil”: “O que as ruas brasileiras abrigaram na semana passada [semana 16 a 22 de junho de 2013] foram multidões de libertários independentes não ideológicos cansados de corrupção e de descaso”.

As depredações e os atos de vandalismo e violência que aconteceram durante as manifestações foram atribuídos aos integrantes de movimentos de esquerda, como enuncia o trecho que sustenta o título da matéria “Os organizadores do caos”: “Entre os vândalos



que macularam os protestos desde militantes de esquerda até pitboys sem causa, mas são os anarquistas que incitam o quebra-quebra”.

### **Partidos de esquerda**

A escolha de analisar os termos utilizados para designar, especificamente, os partidos de esquerda, se deve ao esforço que a *Veja* faz em tentar desqualificar qualquer uma de suas ações nas manifestações. A matéria “A razão da fúria” classifica os partidos de acordo com o viés de engajamento: partidos de extrema esquerda (PSTU, PSOL, PCO, PCdoB) e partidos de centro-esquerda (PT e PMDB).

A *Veja* constrói um discurso de ironia em relação ao que a revista afirma ser a autodescrição histórica dos partidos de esquerda e o seu papel nas manifestações. Historicamente, a esquerda se autodenomina como a responsável por mudanças e avanços sociais. Porém, nas manifestações populares de junho 2013, seus partidos no Brasil foram rejeitados, hostilizados e insignificantes nas reivindicações e conquistas obtidas em razão dos protestos. O trecho do texto “Os sete dias que mudaram o Brasil” exemplifica este paradoxo: “Curiosamente, aqueles que mais se enxergam como agentes da mudança, os partidos de esquerda, foram os que mais se viram emparedados pela nova realidade nas ruas”.

### **Movimento Passe Livre – MPL**

Ao movimento responsável pela organização das primeiras manifestações em 2013, a revista *Veja* apresenta um tom de descaso e menosprezo. Na reportagem “A razão da fúria”, a primeira sobre os protestos, o MPL é descrito como “grupo nanico criado por estudantes de São Paulo sob inspiração de um movimento nascido em Florianópolis.”. Em uma das reportagens da edição seguinte, a “Depois das catracas, os casarões”, os integrantes do movimento são definidos como “fenômeno pop” devido às grandes proporções que as manifestações de junho de 2013 tomaram. Ambas as definições descrevem o movimento com demérito. Primeiro, porque não possuía muitos integrantes e não era conhecido. Depois, por estes integrantes se tornarem reconhecidos apenas por serem os “responsáveis pela fagulha que incendiou o país.” e nada mais que isso.

## **Análise do enquadramento da revista *Veja* nos atos de protesto de 2015**

Diferentemente da cobertura das manifestações de 2013, em que a *Veja* publicou uma edição especial sobre os protestos, além de reportagens que traziam perspectivas sobre o início e consequências do movimento, a revista produziu poucas matérias que se referiam aos atos de protesto em 2015 e nenhuma foi especificamente sobre o tema. As manifestações de 2015 foram citadas nos textos de política e colocadas como um dos problemas que o governo Dilma enfrentava ou como um fator de influência nas decisões políticas. Não há análises com enfoque em diferentes aspectos dos protestos, ao contrário das reportagens de 2013, que contou com matérias como “Depois das catracas, os casarões”, que se referia ao movimento MPL e “Uma vitória parcial”, sobre a PEC 37, uma das pautas de reivindicação.

Apesar do não protagonismo das manifestações em 2015 nas páginas da *Veja*, os atos foram descritos como acontecimentos de grande relevância no cenário político e que demonstravam com clareza a insatisfação dos brasileiros com o governo Dilma.

Neste artigo, a análise de enquadramento dos protestos de 2015 conta com duas reportagens: “E o governo mal começou”, publicada na edição do dia 18 de março e “Os tucanos sobem o tom”, publicada em 22 de abril. As duas datas foram próximas às manifestações de rua que aconteceram dia 15 de março e dia 12 de abril, respectivamente.

O texto “E o governo mal começou” enfoca em aspectos negativos do início do segundo mandato de Dilma Rousseff. A revista cita atos de manifesto, como os “panelaços” do dia 8 de março, mostrando-os como reflexo de uma má gestão da presidente. Sobre as manifestações de rua do dia 15 de março, a revista atribui como motivo somente a insatisfação com Dilma. No entanto, sabe-se que houve outras pautas de reivindicação nas ruas, como a corrupção e o pedido de intervenção militar por alguns, mas essas contestações não foram citadas pela revista.

A matéria “Os tucanos sobem o tom” se refere à posição do PSDB diante da possibilidade de impeachment em 2015. Os atos de protesto aparecem como mais um agravante para o declínio do governo Dilma e como mais um motivo que teria levado o senador Aécio Neves, apresentado pela reportagem como porta-voz do partido, a apoiar o impeachment, como consta na breve linha de texto que sustenta o título da matéria. Porém, o corpo da matéria afirma que o PSDB apenas apoiaria o impeachment se fosse

comprovado que Dilma cometeu um crime de responsabilidade. As manifestações são, mais uma vez, definidas como contrárias ao governo Dilma, somente.

Seguem, no quadro abaixo, os termos que permitem uma análise da abordagem da revista *Veja* sobre as manifestações. O primeiro tema analisado se refere à construção da imagem da própria manifestação e dos participantes, o segundo sobre o motivo do protesto incorporado na pessoa de Dilma e amplamente explorado pela revista, e o terceiro ao cenário do país que contribuiu para a insatisfação popular.

**Tabela 2:**

**Marcas discursivas que caracterizam o enquadramento da *Veja* nas manifestações de 2015.**

Tema	Termos utilizados e frequência
Manifestações de 2015	"povo nas ruas contra ela [Dilma] e seu partido", "parte da população reagiu com um panelaço ao seu [de Dilma] pronunciamento na TV sobre o dia da mulher", "manifestação contra o governo", "As manifestações deste domingo vão jogar mais gasolina na fogueira", "Os acontecimentos do dia 15 terão importância decisiva para os rumos políticos do Brasil", "manifestação anti-Dilma, "Povo na rua contra ela e seu partido", "a população foi às ruas, gritou 'Fora Dilma' e bateu panelas contra a presidente."
Dilma e Governo	"pior aprovação de um presidente desde o impeachment de Collor, as contas públicas em frangalhos, uma economia à beira de uma crise", "a presidente enfrenta uma realidade completamente diferente - e francamente ruim", "vaiada por trabalhadores na montagem de uma exposição em São Paulo", "a sucessão de manobras malsucedidas da presidente", "figurino de faxineira ética", "encurralada por uma crise política, paralisia econômica e cofres vazios", "a presidente parece paralisada (...) vítima de sua teimosia, da falta de confiança mesmo em assessores mais próximos e da dificuldade em lidar com a crise", "o buraco brasileiro foi escavado pelas barbeiragens feitas em seu primeiro mandato", "a regressão nos anos Dilma", "sem autocrítica".
Situação do país	"a situação das contas públicas supera em gravidade que vigorava no fim do triste governo do general João Figueiredo", "aumento do desemprego, aumento da conta de luz e do preço dos alimentos no supermercado. A tempestade parece perfeita", "à beira de uma crise", "contas públicas em frangalhos".

## **Análise referente às categorias de tema da Tabela 2:**

### **Manifestações de 2015**

Diferentemente das manifestações de 2013, os manifestantes de 2015 não foram segregados de acordo com suas reivindicações. A pauta geral dos manifestantes em 2015 foi a insatisfação com o governo Dilma, entretanto, havia nas ruas pedidos de intervenção militar e manifesto contra a corrupção presente em todo sistema político brasileiro, e não somente ligados ao PT. A *Veja* não mencionou essas duas questões. A razão das manifestações, de acordo com as reportagens analisadas, foi apenas a insatisfação com o governo de Dilma.

Desde a primeira reportagem, os protestos de 2015 foram considerados importantes e decisivos, ao contrário do início da cobertura sobre as manifestações de 2013, que questionava a presença dos manifestantes nas ruas. Além disso, a presença do tema na revista se deu logo no início do protesto, com a reportagem “E o governo mal começou” publicada três dias após a primeira manifestação popular, ao contrário do que aconteceu em 2013, em que a revista abordou os protestos após ganharem mais visibilidade popular.

### **Dilma Rousseff**

As referências a Dilma Rousseff formam uma categoria devido ao esforço da revista em incumbir a ela problemas gerados por diversos fatores e agentes do governo. Decisões políticas são associadas à personalidade de Dilma. Consequentemente, problemas econômicos e sociais do Brasil são personalizados na figura da presidente e, assim, a revista justifica a razão das manifestações.

### **Situação do País**

A situação econômica e social do Brasil descrita pela *Veja* é apresentada como consequência da má gestão da presidente petista e, logo, como a razão que justifica os atos de protesto contra o governo. Termos como “tempestade”, “frangalhos” e “triste” serviram para construir a ideia de ruína do Brasil no segundo mandato do governo Dilma.

Em 2013, com a ampliação das pautas de reivindicação, as reclamações sobre condições sociais do país não eram problemas exclusivos daquele momento e, no geral, não foram tidos como responsabilidade de apenas um agente do governo. Em 2015, a crise econômica, e o aumento da taxa de desemprego, por exemplo, se localizavam em um período mais específico e foram relacionados às ações de Dilma na presidência.

### **Considerações finais**

A análise deste artigo permite observar como um mesmo veículo trabalha com o enquadramento de eventos, apresentando-os sob perspectivas diferentes mesmo quando estes acontecimentos possuem semelhanças significativas entre si. Apesar das diferenças entre as manifestações de 2013 e 2015, os dois momentos convergem em alguns aspectos e representam períodos de protestos de rua com grande adesão e que não eram frequentes.

O movimento de 2013 foi, inicialmente, subestimado pela revista. Em maio de 2013 já aconteciam manifestações em algumas cidades brasileiras, porém, a primeira reportagem sobre o tema só foi publicada na edição do dia 19 de junho. Além deste atraso em se referir aos protestos, outro fator que elucida o menosprezo foi a forma como Movimento Passe Livre e outros manifestantes foram descritos pela *Veja*.

Percebe-se uma mudança de tom sobre as manifestações de 2013 com a ampliação das pautas e diversificação de perfis dos manifestantes. Apresentou-se nas ruas grupos que hostilizavam ideais de esquerda e a o governo da presidente Dilma. Com isso, a revista mudou o tom sobre as manifestações ao encontrar nos protestos argumentos para defender suas posições.

A ausência de conteúdo sobre os atos de protesto de 2015 representam um paradoxo à descrição destes eventos como decisivos e influentes. Esta carência dá impressão de que os protestos não tinham nada digno de curiosidade ou espontâneo. Além disso, é possível constatar que em 2015 as manifestações serviram apenas como mais um argumento da revista para desqualificar o governo de Dilma Rousseff e fortalecer a possibilidade de um processo de impeachment.

Portanto, o enquadramento dado às manifestações de 2013 pode gerar a percepção de que a luta contra o aumento das passagens foi insignificante perto de outras causas defendidas com a intensificação dos protestos. Além disso, ficou claro, a partir dos recortes de realidade feitos pela revista, que o mérito do movimento foi atribuído aos manifestantes

considerados como libertários. Por outro lado, os protestos de 2015, tidos como legítimos pela revista desde seu início, foram pouco explorados. Saber que empresas privadas de comunicação possuem interesses econômicos de mercado e que o jornalismo, por meio do enquadramento, é capaz de produzir diferentes realidades, permite entender como um mesmo veículo de comunicação ajusta abordagens de fatos similares aos seus interesses políticos, sociais e econômicos.

## REFERÊNCIAS

ACERVO VEJA. Disponível em < <https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/editions> >. Acesso em: 9 de mar. de 2016

AZUBEL, Larissa. **Jornalismo de Revista: um olhar complexo**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 35., 2012, Fortaleza. Anais eletrônicos... Fortaleza: UNIFOR, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-0344-1.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2016

CASTILHO, M. M.; GUIMARÃES, I. P.; HENRIQUES, M. N.; SILVEIRA, A.C.M. **Enquadramento Jornalístico: enxergando a favela pelos olhos da m**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 13., 2012, Chapecó. Anais eletrônicos... Chapecó: Universidade Comunitária da Região de Chapecó, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-0722-1.pdf>> . Acesso em: 01 jul. 2016

GUTEMBERG, Alisson; LEAL, Zulenilton Sobreira. **O jogo político na arena midiática: uma análise do enquadramento noticioso na cobertura das manifestações de Março de 2015**. In: *Temática*, v. 11, nº 5, 2015, p. 104. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/24354>> Acesso em: 22 jun. 2016.

Irritação com a corrupção foi motivo para a maioria. *Folha.Uol*, São Paulo, 13, abr. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/04/1615756-irritacao-com-corrupcao-foi-motivacao-para-maioria.shtml>> Acesso em: 9 mar. 2016

LEAL, Paulo Roberto Figueira; MOREIRA, Talita Lucarelli; OLIVEIRA, Luiz Ademir de. **Convergências e contrapontos: análise da cobertura da marcha da família com deus pela liberdade em 1964 e das manifestações de junho de 2013 na *Folha de São Paulo***. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE COMUNICAÇÃO POLÍTICA E MARKETING ELEITORAL, PROMOVIDO PELA SOCIEDADE BRASILEIRA DOS PROFISSIONAIS E PESQUISADORES DE COMUNICAÇÃO E MARKETING POLÍTICO (POLITICOM), 13. 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. p. 2-5.

Manifestantes protestam contra Dilma em todos os estados, DF e exterior. G1, São Paulo, 15, mar. 2015. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/manifestantes-protestam-contradilma-em-estados-no-df-e-no-externo.html> > . Acesso em 9 mar. 2016

PUBLI ABRIL. Disponível em < <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja/plataformas/revista-impressa> >. Acesso em 5 de jul. 2016

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. Editora Contexto, 2003.

SANGLARD, Fernanda Nalon. **Meios de comunicação de massa e discursos reducionistas sobre política**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 15., 2010, Vitória. Anais eletrônicos... Vitória: UFES, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-0750-1.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2016

Veja pesquisa completa do IBOPE sobre os manifestantes. G1, São Paulo, 24 jun. 2013. Disponível em < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> > Acesso em 30 jun. 2016